

O 11 de março espanhol

Amado Luiz Cervo*

A opinião pública busca explicações para o atentado de Madri de 11 de março, que fez duzentos mortos, e quer saber quais seus possíveis desdobramentos sobre a grande política internacional.

As explicações, a nosso ver os erros que se encontram na origem do fato, estariam localizadas, duas do lado dos Estados Unidos, duas do lado do Governo de José Maria Aznar e uma do lado dos autores do atentado. Do lado dos Estados Unidos, após o 11 de setembro de 2001, o primeiro erro consistiu na estratégia de combate ao terrorismo pela guerra, ao invés de utilizar a cooperação internacional dos serviços de inteligência; o segundo erro consistiu em isolar-se da comunidade internacional. Do lado espanhol, o primeiro erro de governo foi o de afrontar a opinião pública interna e o segundo o de envolver-se com a grande política internacional, com propósitos acima dos próprios meios. Do lado dos autores, o erro consiste em utilizar o terrorismo como única arma dos fracos.

Os dois primeiros são grandes perdedores. A estratégia de George W. Bush somente fez recrudescer o terrorismo, alimentado pelo ódio aos Estados Unidos e seus aliados. O apoio de Aznar resultou na surpreendente derrota política de seu partido nas eleições do dia 14 de março. Ele sai do poder, depois de oito anos, carregando a culpa pela morte de inocentes.

No cálculo de Aznar, se o poder da Espanha resultaria engrandecido com a adesão à política agressiva e guerreira de Bush e o país recolheria benefícios de seu servilismo, esses foram dois outros equívocos elementares de seu cálculo político: quem tocou a modernização da Espanha durante seu governo foi a Europa, à qual voltou as costas. Por outro lado, os Estados Unidos não costumam

recompensar a subserviência de outros governos. O poder de cada Estado se fundamenta em elementos concretos, estratégicos, econômicos ou mentais.

Os desdobramentos sobre a cena internacional do atentado de Madri ninguém pode prever ao certo, mas aspirações do bom senso indicam os caminhos a percorrer no futuro, caso se queira controlar o terrorismo ou pôr-lhe um fim: a) convém aos Estados Unidos fechar suas bases na Arábia Saudita e retirar-se do Iraque e do Afeganistão, já que os três fatos, ao invés de combater, alimentam o terrorismo; b) a opinião americana poderá assimilar a lição da Espanha e impor a Bush o mesmo revés eleitoral c) espera-se um envolvimento mais assertivo da Europa, no sentido de propor o fim do combate ao terrorismo pela guerra, substituindo-a pela cooperação dos serviços de inteligência e pelo diálogo entre os mundos ocidental e muçulmano; d) a Espanha de José Luis Zapateiro acercar-se-á da Europa, assim como convém que o façam outros países irrelevantes de um ponto de vista estratégico, mas que deram força ao governo de Bush, como a Itália, a Polônia e Portugal, e ajudaram a fazer malograr a estratégia europeia até o presente; e) enfim, Tony Blair dará ouvidos à opinião dos ingleses e deixará de seguir os Estados Unidos de forma alucinada e baseada sobre inverdades.

O desdobramento mais importante, aliás, o condicionamento que mais pesa sobre uma possível solução à questão do terrorismo é o entendimento entre europeus e norte-americanos, por modo a triunfar a saída europeia, feita de diálogo, negociação e respeito pela convivência das diferenças culturais e religiosas sobre a solução norte-americana, feita de preconceitos, agressividade, choque de civilização e humilhações impostas aos diferentes e aos fracos.

* Professor titular de História das Relações Internacionais da Universidade de Brasília (UnB).

Em meio a tudo isso, o papel da ONU, que foi até o momento minguado e menosprezado, continuará sendo de alcance limitado. A paz e a guerra entre as nações, no mundo de hoje, dependem, como no passado, em primeiro lugar, da sabedoria política

ou dos desatinos das grandes potências. À ONU caberá, como ocorreu por vezes, executar decisões da sabedoria dos grandes ou imobilizar-se diante de seus desatinos.



O que é o IBRI

O *Instituto Brasileiro de Relações Internacionais – IBRI*, organização não-governamental com finalidades culturais e sem fins lucrativos, tem a missão de ampliar o debate acerca das relações internacionais e dos desafios da inserção do Brasil no mundo. Fundado em 1954, no Rio de Janeiro, e transferido para Brasília, em 1993, o *IBRI* desempenha, desde as suas origens, importante papel na difusão dos temas atinentes às relações internacionais e à política exterior do Brasil, incentivando a realização de estudos e pesquisas, organizando foros de discussão, promovendo atividades de formação e atualização e mantendo programa de publicações, em cujo âmbito edita a *Revista Brasileira de Política Internacional – RBPI*.

Presidente de Honra: José Carlos Brandi Aleixo

Diretor Geral: José Flávio Sombra Saraiva

Diretoria: Antônio Carlos Lessa, Antônio Jorge Ramalho da Rocha, João Paulo Peixoto, Pedro Motta Pinto Coelho.

Para conhecer as atividades do IBRI, visite a homepage em <http://www.ibri-rbpi.org.br>

Sobre Meridiano 47

O *Boletim Meridiano 47* não traduz o pensamento de qualquer entidade governamental nem se filia a organizações ou movimentos partidários. *Meridiano 47* é uma publicação digital, distribuído exclusivamente em *ReINet – Rede Brasileira de Relações Internacionais* (www.relnet.com.br), iniciativa da qual o *IBRI* foi o primeiro parceiro de conteúdo. Para ler o formato digital, distribuído em formato PDF (*Portable Document Format*) e que pode ser livremente reproduzido, é necessário ter instalado em seu computador o software *Adobe Acrobat Reader*, versão 3.0 ou superior, que é descarregado gratuitamente em <http://www.adobe.com.br/>.

© 2000-2004 *Instituto Brasileiro de Relações Internacionais* – Todos os direitos reservados. As opiniões expressas nos trabalhos aqui publicados são da exclusiva responsabilidade de seus autores.